

376 Como vai ser difícil convencer os banqueiros

O novo programa de empréstimos para o Brasil, elaborado na última segunda-feira à tarde numa reunião de três horas e meia aqui em Washington entre 14 dos principais banqueiros mundiais, depende do consentimento de muitos bancos pequenos e independentes, que estão ansiosos em reduzir seus envolvimento nos estagnados problemas da dívida brasileira. E os banqueiros dizem que será difícil, ou até mesmo impossível, levantar os 6,5 bilhões de dólares necessários — colocando desta forma em perigo o esforço de resgate brasileiro ou forçando o País a adotar um programa de austeridade mais rígido e politicamente bem mais explosivo.

“Não vai ser fácil vender esta idéia”, reconheceu Michael Rossi, vice-presidente do Wells Fargo Bank, sediado em San Francisco, que provavelmente irá apoiar o programa.

Muitos dos bancos pequenos já indicaram que não estão dispostos a cooperar nos novos empréstimos. Houve boatos não confirmados circulando aqui na capital norte-americana, para onde milhares de banqueiros convergiram para a reunião anual do Fundo Monetário Internacional, de que cerca de 30% dos credores do Brasil se estão negando a conceder novos empréstimos. Apesar de muitos destes bancos terem concedido apenas créditos relativamente pequenos ao Brasil, sua decisão de evitar novos empréstimos irá obrigar os bancos maiores a fornecerem quantias maiores.

Otimismo

Mesmo assim, os maiores bancos do

mundo, que precisam conseguir os novos empréstimos ao Brasil através de um trabalho de persuasão ou de pressão, estão demonstrando otimismo. “Estas coisas nunca são fáceis, mas eu tenho a impressão de que isto está perfeitamente dentro da capacidade do sistema dos bancos privados. Nós estamos constantemente subestimando a capacidade do sistema bancário privado no mundo inteiro”, declarou Anthony P. Terracciano, vice-presidente executivo do The Chase Manhattan Bank, de Nova York.

Mas o novo programa de resgate está acontecendo depois que os bancos e as agências internacionais já se comprometeram a fornecer somas substanciais ao Brasil, que se está debatendo com uma dívida internacional de 90 bilhões de dólares. Em princípios deste ano, o Fundo Monetário Internacional concordou em emprestar ao Brasil um total de 4,5 bilhões de dólares, durante um prazo de três anos, e os bancos prometeram conseguir um total de quatro bilhões em novos créditos.

Em maio, o crédito foi suspenso, quando o Brasil não conseguiu atingir as metas econômicas estipuladas pelo Fundo Monetário Internacional. Apesar de o Brasil ter concordado com um novo conjunto de medidas de austeridade duas semanas atrás, os empréstimos não serão retomados até que o Congresso brasileiro, no próximo mês, ratifique uma medida que irá reduzir os reajustes salariais.

Mesmo se o Congresso brasileiro aprovar essa medida, entretanto, existe uma crença crescente entre os banqueiros inter-

nacionais de que o Brasil não conseguirá atingir as metas declaradas quanto à redução da inflação e do déficit.

O acordo do Brasil com o FMI prevê um déficit em 1984 praticamente igual a zero, ajustado à inflação brasileira, contra um déficit previsto este ano de 2,7% da produção total de bens e serviços do País. Ano passado, o déficit foi de 6% da produção total. O acordo com o FMI prevê um índice de inflação médio de 90% no próximo ano, mas em dezembro de 1984 esse índice deverá cair para 55%.

Se o Brasil não conseguiu atingir estas metas, os banqueiros e o FMI poderão suspender novamente os empréstimos. Interessados em evitar outra interrupção no esforço de resgate brasileiro, no entanto, os banqueiros e o FMI provavelmente farão vista grossa se a economia do País estiver desenvolvendo-se na direção correta e se o governo estiver adotando as medidas para cumprir as estipulações do Fundo.

O novo programa de empréstimos para o Brasil reflete a seriedade das circunstâncias econômicas brasileiras e o papel cada vez maior que está sendo desempenhado pelos governos dos países industrializados.

Além dos 6,5 bilhões de dólares que estão sendo procurados junto a bancos privados do mundo todo, o esforço de resgate prevê que os governos dos países industrializados forneçam ao Brasil um total de 2,5 bilhões de dólares em novos créditos de importação.

Martin Baron, do Los Angeles Times.